

QUANTAS CORES TEM O CÉU? RELAÇÕES ENTRE CORES, LUZES E SOMBRA



... Sabemos muito bem o que representa ser o companheiro de viagem da criança nessa busca por significados. Os sentidos que as crianças produzem, as teorias explicativas que elas desenvolvem na tentativa de encontrar respostas são da máxima importância, pois revelam de maneira vigorosa, como as crianças percebem, questionam e interpretam a realidade e seus relacionamentos com ela.

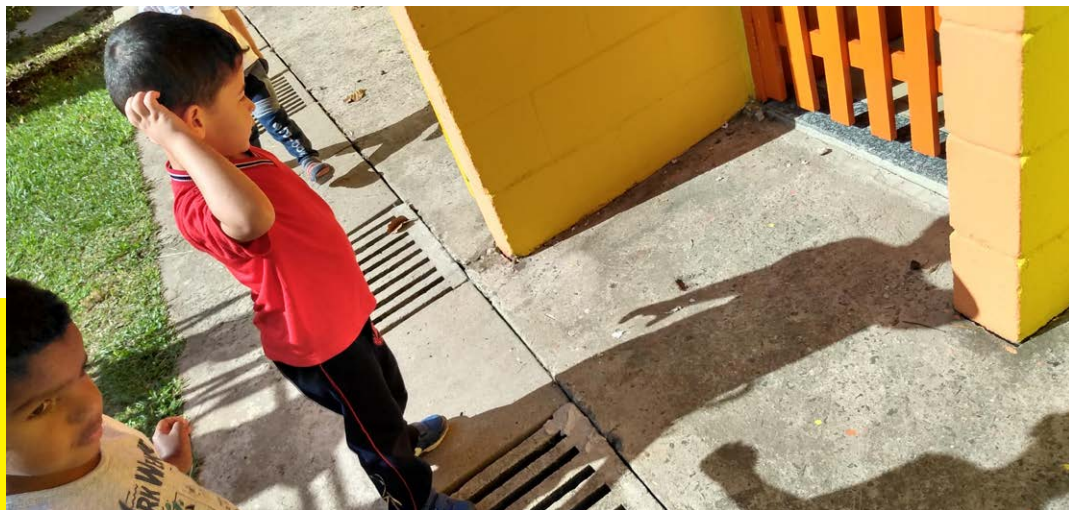
Carla Rinaldi, 2017, p.205
Diálogos com Reggio Emília. Escutar,
investigar e aprender

ANA BARBARA DOS SANTOS
professora de educação infantil
CEI Wilson José Abdalla
MINI GRUPO 2 A
2019

Durante ano de 2019, eu trabalhei com uma turma de Mini-grupo 2, composta por 24 crianças com idade entre 3 e 4 anos. No início do ano, planejei diferentes propostas para as crianças a fim de observar suas interações, seus interesses, necessidades e curiosidades para que essas observações fossem o norte do planejamento anual e de projetos pedagógicos.

Na organização dos tempos, espaços e materiais, procuro evidenciar as vivências nos espaços externos (parque, bosque e horta), a conexão com a natureza e as diferentes linguagens da arte. São escolhas conscientes, pois com apoio nos estudos de Eisner (2008), penso que o “objectivo da educação deveria ser entendido como a preparação de artistas. Pelo termo artista (..) nós queremos dizer indivíduos que desenvolveram as ideias, as sensações, as habilidades e a imaginação para criar um trabalho que está bem proporcionado, habilmente executado e imaginativo que é independente do domínio em que um indivíduo trabalha.” Sendo assim, vejo nas pesquisas das crianças os processos que um artista vive ao experimentar, estudar e buscar materialidades que correspondam á sua expressão sobre como ele vê o mundo.

Dentre os livros selecionados para apresentar para as crianças, estava o livro Sombra (2010) da escritora e ilustradora Suzy Lee, o qual narra, por meio de imagens, a fantasia de uma garota que brinca com as sombras do porão de sua casa e mistura imaginação e realidade. O projeto da publicação é muito rico, pois a autora usa o objeto livro como elemento importante na narrativa, o qual divide realidade e imaginação que em determinado momento se misturam. Essa poética dialoga muito bem com o imaginário infantil. A narrativa encantou as crianças de tal maneira que quando elas saíram para o parque, passaram a observar suas próprias sombras e se projetar no papel da garota da história.



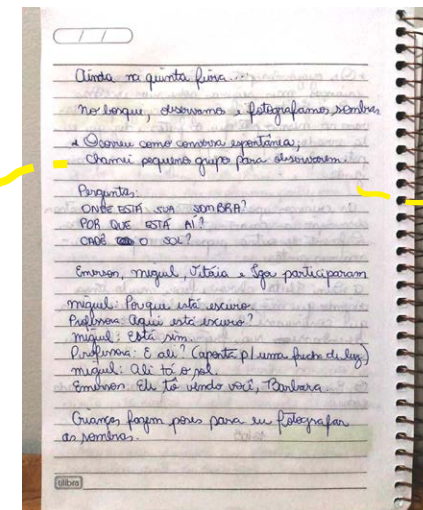
- Olha! É a nossa sombra! (Emerson, 3 anos)

Ao perceber esta conversa, chamei as crianças para o bosque, onde as sombras aparecem com mais força, interagi com as crianças lançando perguntas como: O que é a sombra? De onde ela vem? As crianças responderam com suas próprias hipóteses e interpretações da realidade. O Miguel apontou para o sol, indicando de onde vem a sombra, sendo assim, começamos também a conversar sobre como a posição da luz favorece a formação das sombras e a diferença de cor nas folhas da árvore que recebem luz direta do sol.sombras e se projetar no papel da garota da história.



Fotografei estas cenas e anotei algumas falas para compartilhar ambos os registros com grupo na sala. Além disso, apresentei um vídeo de teatro de sombras e propus desenhar as sombras da janela formadas no chão da sala. Eu trabalhava no período da tarde, o que foi um diferencial, pois a luz do sol está mais forte e provoca sombras mais marcadas no chão. Sendo assim, favorece a observação e, conseqüentemente a escuta das crianças neste percurso.

Fotografei estas cenas e anotei algumas falas para compartilhar ambos os registros com grupo na sala. Além disso, apresentei um vídeo de teatro de sombras e propus desenhar as sombras da janela formadas no chão da sala.



trecho das anotações que fiz no parque



Apresentei as fotos no datashow dentro da sala para conversar com as crianças. Acho muito importante ter esses momentos como indicativo de que é o assunto tem relevância para elas e pode se tornar um projeto da turma. O projetor foi um elemento essencial nesta pesquisa, pois além de assistir às fotos e vídeos para relembrar a brincadeira, as crianças ficaram muito curiosas com a luz projetada e exploraram o movimento de suas sombras brincando e dançando em frente a luz dele. Fotografei a silhueta de cada criança, o que forneceu um bom material para uma nova exploração

As crianças ficaram curiosas com a sombra pela projeção, pelo movimento que acompanha o corpo e pela intensidade, ficaram curiosas ao verem seus corpos bloquear a luz e projetar suas formas em uma imagem escura.

A partir disso, ofereci mais propostas com esse assunto e percebi que tínhamos um elemento disparador em diversas linguagens principalmente nas artes visuais, na dança, na poesia e na natureza.


Estas vivências me deram pistas de que o encantamento das crianças com cores, luzes e sombra possibilitaria pesquisar a sombra e suas relações com fenômenos da natureza, além de abordar as relações cromáticas a nossa volta e não tratar as cores como tema isolado, assim como experimentar as linguagens das artes envolvendo brincadeiras imaginação. Fiz uma documentação sobre essa vivência e levei ao mural da sala. Dessa forma, as famílias ficaram sabendo que essa era a pesquisa das crianças.

Um dos objetivos foi materializar a escuta das crianças em boas propostas que permitiram que elas fizessem mais perguntas e aprendessem mais sobre o assunto pesquisado de forma significativa para elas.


De acordo com o Currículo da Cidade (p. 133), a organização de tempos, espaços e materiais deve acontecer de forma pensada, mas sem rigidez, acolhendo o inusitado, como ocorreu quando me dispus a escutar as crianças e abrir outros espaços para suas pesquisas. O papel do adulto não é direcionar, é propor sem centrar em si a forma como as crianças interagem. Nessa relação, abre-se caminhos para os projetos surgirem.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA QUE FOI COLOCADA NO MURAL DO LADO DE FORA DA SALA PARA APRESENTAR A PESQUISA DAS CRIANÇAS PARA AS FAMÍLIAS E PARA A COMUNIDADE ESCOLAR


Depois de lermos o livro SOMBRA na roda de leitura, as crianças saíram para o parque e começaram a observar suas próprias sombras se formando no chão...




iniciava-se assim, a pesquisa das crianças sobre luz e sombra...



assistimos a uma projeção de filmes de teatro de sombras...






e depois de ver, fotografar e conversar sobre as sombras, chegou a hora de pular, dançar, correr e explorar a sombra de todas as formas que a imaginação e nosso espaço permitirem.



e nas conversas espontâneas no bosque, surgem mais pesquisas sobre as sombras e as cores. Ao ver as fotos na sala, a Dani Fleitas reconheceu sua própria sombra pelos fios de seu cabelo.



desenhamos as sombras que estão dentro da nossa sala



seguimos para o bosque para observar mais sombras, pois lá a luz é mais forte.

vocês lembram da sombra?

Emerson: Vem de lá de fora.
Miguel: Vamos pegar galhos e ver a sombra.
João Pedro: Olha a minha sombra, eu tô grande.
Emerson: Eu tô desenhando a menina que foi brincar.
Miguel: Olha aqui, Emerson, o lobo mau estava caminhando aqui.

o que é sombra?
Maria Clara: É o sol.

Como o sol vira sombra?
Davi: Buuuuu!!!

a investigação sobre as sombras não termina por aqui, ainda teremos mais histórias para contar.



O projeto foi relevante por evidenciar a criança protagonista que teve suas curiosidades e perguntas envolvidas em experiências cotidianas. A aprendizagem, a pesquisa, a imaginação e o brincar permearam as diferentes linguagens e o projeto se constituiu nessa dinâmica.

Os elementos e fenômenos da natureza como a luz amarela da tarde de sol, o cinza das nuvens nos dias nublados, o movimento do vento e a sombra que entra pela janela foram momentos que deram profundidade e beleza no olhar das crianças.

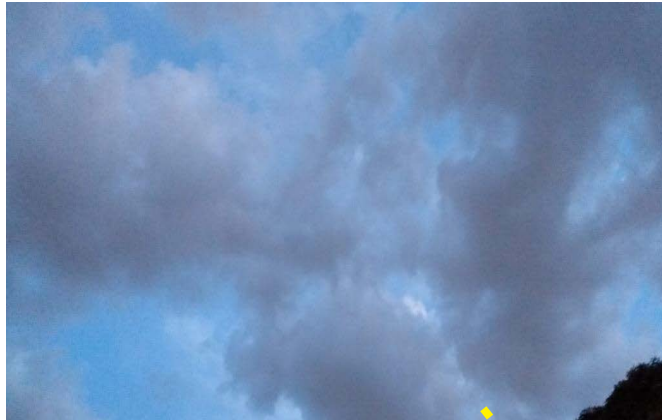
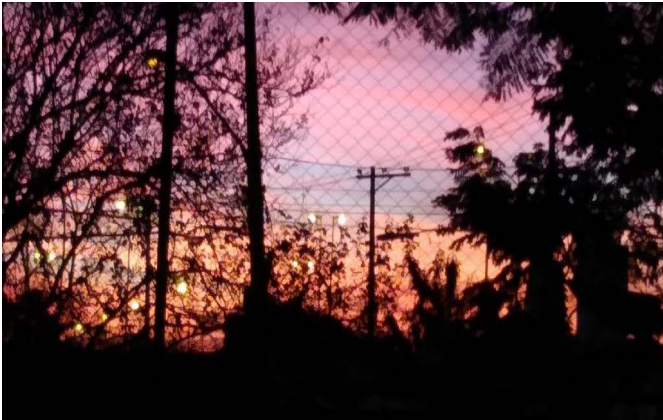
“A iluminação natural torna-se um material vivo que pode ser manipulado e usado pelas crianças na produção de suas próprias configurações estéticas.”(Crianças, espaços e relações. p.54)

Abrindo maior diálogo com o campo das artes visuais, propus que as crianças experimentassem fazer pinturas sobre as sombras do bosque. Como elas me falaram que a sombra é preta, levamos a tinta guache preta, pincéis e papel craft. Elas escolheram a parede do bosque que tinha mais sombras projetadas e fixaram o papel junto comigo.

Sugeri que observassem as marcas e fizessem desenhos ou pinturas. Cada criança teve um percurso com essa experiência. Algumas seguiram os traços das sombras, outras carimbaram as mãos, algumas pegaram folhas para pintar. Não limitei a expressão das crianças, fiz a proposta e achei importante elas explorarem a pintura de modo que sua própria percepção do espaço, dos materiais disponíveis e das sombras lhes fornecessem informações sobre as possibilidades da proposta.

COMO A PESQUISA FOI TOMANDO NOVOS DESDOBRAMENTOS?

POR QUE FOI IMPORTANTE TRAZER AS CORES, O CÉU E AS LUZES PARA ESTE CONTEXTO?



Observando as sombras, as crianças perceberam a luz do sol, a diferença de cor nas folhas da árvore que recebem luz direta do sol, a cor do céu, as nuvens, as linhas e formas projetadas pela sombra, reconhecem a própria imagem, entre outras curiosidades.



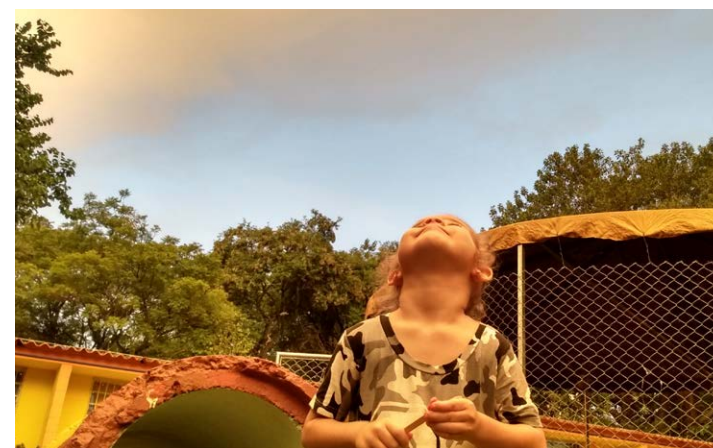
FOTOS FEITAS EM DIFERENTES DIAS E HORÁRIOS EM QUE AS CRIANÇAS OBSERVARAM AS DIFERENTES CORES

Olhar para sombras e luzes se tornou uma pesquisa e brincadeira cotidiana. Com a movimentação de olhar para esses detalhes, as crianças foram ampliando suas buscas e suas pesquisas e descobrindo mais relações.

Certo dia, no horário da saída, algumas crianças ficaram na porta da sala (a sala fica em frente ao parque da escola) e enquanto observavam a luz do sol, perceberam que todo o céu estava amarelado. A Vitória me chamou e disse **“Professora, o sol está amarelo!”** ela estava falando do céu que foi tomado por uma luz radiante de tom amarelo quase laranja, tudo que víamos não tinha mais a mesma cor, todo o entorno estava tomado por aquela tonalidade. Convidei as crianças para saírem para “sentirmos” essa cor.

Fotografei e anotei as impressões e falas das crianças para compartilhar com o grupo no dia seguinte e ver o que as outras crianças da turma achavam da “descoberta”. Lancei a pergunta: **“POR QUE O CÉU ESTAVA AMARELO?”**

As crianças trouxeram olhares, percepções e hipóteses muito originais sobre o céu e suas cores. Disseram que o céu fica amarelo porque está ficando de noite, perceberam que o céu também fica rosa. Disseram que o céu fica branco quando vai chover. Perguntei por que o branco quando vem a chuva. **“POR CAUSA DAS NUVENS!”** me responderam.





**DA COR
LUZ Á COR
PIGMENTO**



Ao pensar nas luzes, sombras e cores dentro de um contexto significativo, achei pertinente expandir as experiências das crianças. Além das observações diárias das sombras, brincadeiras e conversas, passei a evidenciar, além da cor luz, a cor pigmento.

Propus às crianças que produzíssemos as cores que elas veem no céu. Começamos com as fotos do dia do céu amarelo. Levei farinha de manga, tinta guache vermelha, água, pincéis, bandejas de isopor, folhas de papel canson e fixei as fotos na parede. Cada criança fez sua mistura até sentir que chegou á cor do céu, para em seguida pintar a folha. Escolhi esses materiais, pois, a farinha de manga na água fica com uma textura aquarelável, além de possibilitar uma experiência mais expansiva por ter cheiro da fruta. A folha de canson tem gramatura maior e permite mais pinceladas, sendo mais indicada para uso de aquarelas do que a folha de sulfite que é mais fina.

DANI FLEITAS: OLHA, TEM CHEIRO!

PROFESSORA: CHEIRO DO QUE?

(DEPOIS DE CHEGAR PERTO E CHEIRAR)

DANI FLEITAS: DE MANGA!

EMERSON: TÔ FAZENDO BOLINHAS IGUAL ESSE!

(ESTAVA RESPINGANDO A TINTA NO PAPEL E APONTOU A FOTO NA PAREDE)

O ENZO PASSOU O PINCEL MUITAS VEZES NO MESMO LUGAR E RASGOU A FOLHA. ELE CONTINUOU, MAS DEPOIS ME PEDIU UMA FOLHA NOVA. EU ENTREGUEI OUTRA FOLHA E PERCEBI QUE ELE COLOCOU MENOS FORÇA NAS PINCELADAS. O ENZO SEGURAVA O PINCEL COM AS DUAS MÃOS E GIRAVA SOBRE A FOLHA, PRODUZINDO MOVIMENTOS CIRCULARES. E ASSIM FOI PREENCHENDO TODO O ESPAÇO.

ENZO: NÃO ESTÁ FICANDO AZUL, NÃO. (E OLHOU PARA A PARTE AZUL DA FOTO)

PROFESSORA: PODEMOS FAZER O AZUL EM OUTRO DIA, TUDO BEM?

ENZO: TÁ BOM.

JOÃO PEDRO: ESTÁ FICANDO VERMELHO. EU USEI AS SEMENTES

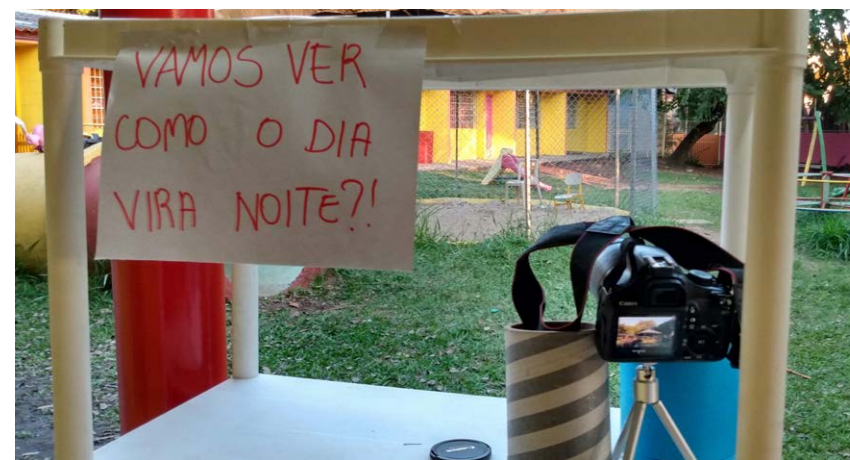
ELE CHAMOU DE SEMENTES ALGUMAS BOLINHAS DA FARINHA DE MANGA QUE FICARAM NO PAPEL. ELE USOU DOIS PINCEIS. O JOÃO ME PEDIU UMA FOLHA NOVA, EU ENTREGUEI E ELE INICIOU OUTRA PINTURA. |

Pesquisei e fiz estudo das cores para enriquecer meu olhar e fazer a escuta se materializar em boas propostas que permitam que as crianças façam mais perguntas e aprendam mais sobre o assunto. Estávamos no final do mês de junho e por ter participado do curso Materialidades da cor: as relações cromáticas na arte e na educação com Stela Barbieri e equipe Bináh, durante os últimos três meses, nos quais os participantes se aprofundaram nas experiências com materialidades e linguagens nos processos investigativos das práticas com cores, fizemos vários experimentos e pesquisamos as narrativas com as cores e imagens, eu tive um bom suporte teórico e prático para apoiar o planejamento de experiências para as crianças. Também fiz pesquisas com o livro O guia completo da cor (2007) como um bom referencial para o uso da cor.

Com a continuidade da observação do céu, a mudança do dia virando noite, ou seja, o efeito do lusco-fusco, encantou as crianças. No mês de junho, por estarmos no inverno, o céu escurece mais cedo e esse fenômeno é muito mais evidente. Deixei uma câmera filmando e depois acelerei o vídeo para apresentar este fenômeno para as crianças. Elaa assistiram no projetor, fizeram muitas observações de detalhes além das cores também. Surgiram questões como: porque o céu fica escuro, para onde o sol vai, quem fica na escola depois que fica noite, entre outras questões. Disponibilizei giz colorido e folhas no chão para as crianças expressarem por meio do desenho as suas impressões e observações.

A partir destas reflexões das crianças, passamos a fotografar frequentemente o céu e conversar sobre a passagem do tempo, estações do ano, relações entre a cor do céu, clima e previsões de chuva ou vento. Estas conversas inspiraram diversas vivências.

Na reunião com as famílias, apresentei o percurso das crianças e informei que era possível acompanhar pelo mural da sala o andamento do projeto.





Pensando em um trabalho processual na vivência com a cor pigmento e suas transformações, suas tonalidades e nuances, propus às crianças que fizessem mais composição com os pigmentos para chegar às cores do céu, das folhas e da luz em outras fotos que captamos em diferentes momentos.

Dessa vez, elas tiveram disponíveis todas as cores primárias em tinta guache e potinhos. Escolheram qual a foto que queriam como referência para reproduzir a cor e foram levantando hipóteses sobre como compor a cor. Não fiz interferências nas escolhas. As crianças misturavam e olhavam se o resultado era o esperado, se não fosse, eu sugeria deixar a tinta para outra criança usar, caso precisasse. Disponibilizei esponjas para pintarem na folha de papel pela possibilidade de comporem diferentes camadas de cor e por ser uma ferramenta que sugere outros movimentos.



Em todas as propostas de observar fotos e experimentar desenho e/ou pintura, trabalhei com pequenos grupos. Havia apenas uma mesa na sala com quatro cadeiras. O combinado com as crianças era que enquanto quatro delas ficavam na mesa para produzir, as demais brincavam na sala com os brinquedos disponíveis e eu também organizava algumas estações com livros e outros objetos. Não tinha uma ordem específica nem tempo determinado, cada criança se dedicava à sua produção até sentir que havia terminado, algumas não gostavam do resultado e pediam mais folhas para produzir outro, ou simplesmente gostavam da experiência e queriam produzir mais. Quando uma criança terminava, ia brincar nos outros espaços da sala e outra criança ocupava o assento.



Dessa forma, as vivências aconteciam por uma média de três a quatro dias até que todas as crianças vivessem a experiência. Essa organização também me garantia a escuta. Sendo assim, eu pude acompanhar o processo de cada criança, perceber suas escolhas, suas hipóteses, seu tempo e também respeitar as crianças que não tinham interesse na produção e preferiam se dedicar a outra brincadeira.

A intencionalidade desse projeto garantiu experiências multissensoriais. Além do percurso com a cor pigmento, propus algumas instalações com projeções de imagens (apresentei algumas obras do artista pós-impressionista, Van Gogh, pela qualidade expressiva dos estudos da natureza presente em suas obras), mesa de luz e penas coloridas, lamparina com luzes coloridas e sombras com brinquedos, no caso, os dinossauros de borracha que têm formas muito delineadas e permitem muita riqueza nas sombras que projetam.

Assim como os artistas buscam caminhos investigativos, levantam hipóteses e experimentam diferentes materiais, as crianças também são abertas a diferentes possibilidades de criação. Como afirma Suzana Rangel (2017), um dos maiores ensinamentos da arte de hoje é que todo material é material. E ele pode ser reaproveitado sempre e de forma inusitada. (p.21)





as divisões da mesa se transformaram em um godê para preparação e mistura de cores.



SEGUNDO SEMESTRE

Na metáfora de pintar o céu, fiquei observando como as crianças, ao olhar para o céu, olham para cima, dessa forma, sugeri uma experiência de pintar o céu nas mais diversas cores que enxergamos na foto, com o mesmo olhar, colocando o suporte acima de nossas cabeças. Em uma experiência no bosque, coloquei um lençol sobre as pernas de uma mesa virada em cima da outra, borrifei álcool e ofereci anelina com água para as crianças pintarem. O álcool faz a anelina se espalhar no tecido o que propõe uma experiência muito singular com a pintura.

Deixamos o lençol secar no bosque e depois levamos para a sala. No dia seguinte, conversamos sobre essa experiência em roda e o João Pedro sugeriu colocar o nosso céu colorido no teto da sala. . Ele até me explicou como fazer isso: subir em uma escada bem alta e pendurar com pregos, como eu não consegui uma escada, deixei na janela como cortina. E lá ficou por bastante tempo.

Além de propostas com desenho e pintura, também apresentei alguns livros com imagens. Estas propostas foram sendo planejadas uma a uma a partir do que eu registrava em cada vivência.

Certo dia, enquanto olhavam as cores das folhas da árvore no alto, vi o Enzo e a Daniela Maite imitando a dança do vento, por isso, propus também experiências mais poéticas e efêmeras. Perguntei: como podemos ver o vento? Ofereci diferentes materiais como fita de cetim, fita metaloide, fio de juta, tecido voil e papel nacarado. Conforme foram experimentando o movimento, as crianças perceberam que os fios mais pesados como juta e cetim não se movimentam com a força do vento. Levamos os materiais escolhidos para o bosque, onde o vento era sentido com mais força para que brincassem. O Edson e o Enzo foram para os balanços e em seus movimentos, puderam ver o vento.

Encontrei dois livros que tinham um diálogo com essas experiências: De que cor é o vento e O menino que queria virar vento. Fiz a leitura pelo prazer que as crianças sentem ao ouvir histórias, sem o propósito de estender para outras atividades.

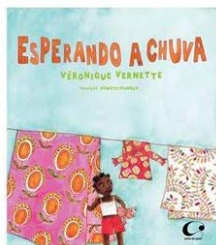
Após ver a chuva mudar a cor do céu, as crianças viveram a experiência/metáfora de colorir a chuva, brincando de colorir a água com anelina. Também somaram a essa experiência os livros: Esperando a Chuva e Ver chover.



De que cor é o vento?
2013,
Autora Anne Herbauts



O menino que queria virar vento
2012,
Autores Pedro Kalil e Luisa Helena Ribeiro



Esperando a chuva
2014,
Autora Veronique Vernette



Ver chover
2013,
Autores
Germán Machado e
Fernando De La
Iglesia



Vivenciar, planejar e registrar esse projeto permitiu acompanhar o processo da criança e os processos da natureza em constante movimento, especialmente a sensação de passagem de tempo.

Todas as propostas foram abordadas com entrelaçamento, não como um conjunto de atividades. As vivências voltavam para a sala e as propostas foram elaboradas a partir da revisitação da proposta anterior. Isso permitiu seguir uma linha de planejamento reflexivo, que revela o percurso de aprendizagem das crianças no universo das artes. Apesar do foco nas artes visuais, a linguagem da dança, a performance e a poesia foram constante. Os elementos da cultura foram vivenciados de forma significativa e permitiram extrair maravilhamento do cotidiano na produção de narrativas infantis.

O azul do pote de tinta é o mesmo azul do céu?
Podemos fazer um azul igual o do céu na foto?



“Minha mãe fala pra não misturar as tintas porque fica tudo marrom.”
João Pedro

E fomos pensando as cores além das misturas de pigmentos, mas em suas diferentes tonalidades também!

Experimentamos diferentes níveis de claro e escuro com a adição de tinta preta e tinta branca até chegarmos a o azul do céu na foto escolhida pelas crianças.

O João Pedro teve receio, pois disse que se misturar todas as tintas fica marrom, então experimentamos adicionar apenas duas ou três cores em cada prova para perceberem o efeito de diferentes misturas.

E quando na mesma foto o céu tem diferentes camadas de cores?

As produções coletivas permitiram cada grupo experimentar até chegar na cor que escolheu representar

Quantas cores tem o céu nessa foto?



Surgiu uma luz diferente na parede da sala... De onde vem?

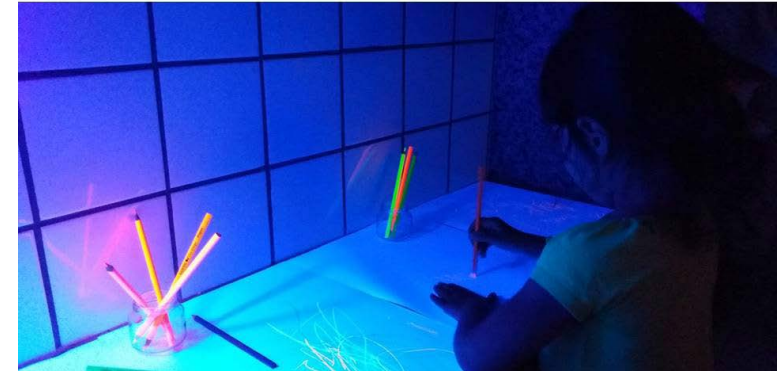


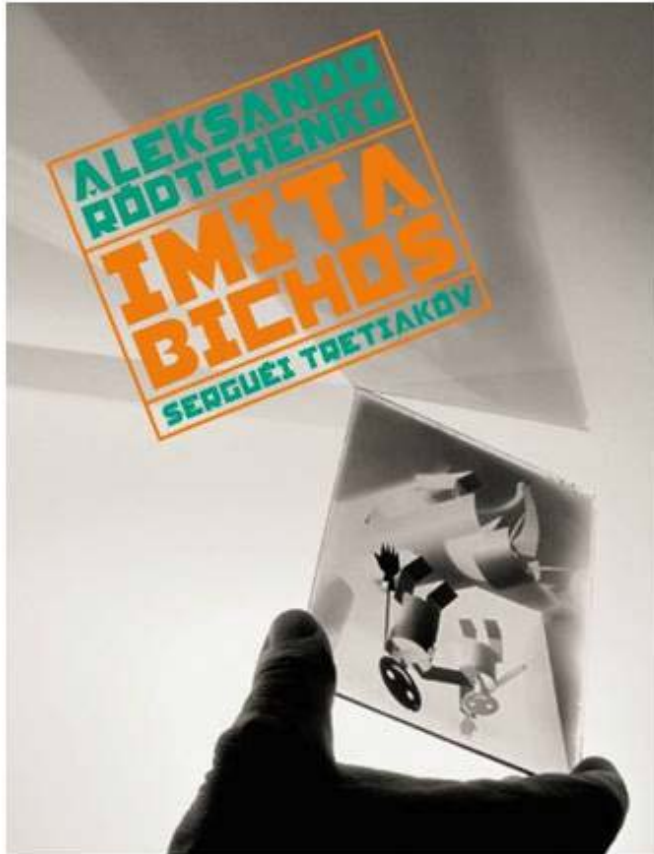
No final da primavera, a posição do sol também trouxe diferentes sombras para dentro da sala, por isso aproveitamos para conversar sobre como a luz foi para dentro da nossa sala, de onde ela vem, porque nunca tinha vindo antes.

Como previsto na BNCC, no Campo de experiência “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES” observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.), as etapas desse projeto contemplam muito bem essa experiência.

Com a experiência de olhar para as sombras dentro da sala, aproveitei para propor mais experiências com as luzes artificiais como lanterna, lâmparina colorida e luz negra. Nas experiências de criar e modelar sombras com lanternas, refletimos sobre como a luz chega dentro desses objetos.

Diferentes tipos de luz, diferentes experiências



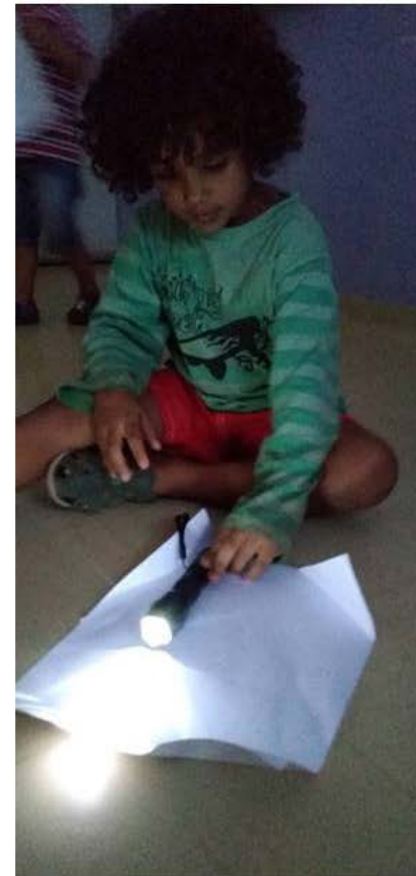


Livro *Imitabichos*
2011,
Autores Aleksandr Ródtchenko e
Serguéi Tretiakov

O livro imitabichos também dialogou muito bem com as vivências com lanternas.

Em uma proposta, as crianças dobraram folhas de papel e modelaram a luz e as sombras com lanternas, assim como o artista fez no livro.

Essa experiência contempla o Campo de Experiências “TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS” Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.



“Essa lupa é para descobrir os mistérios.” Daniela Fleitas.



Fotografia: desenho da luz



Como visto até aqui, este projeto permitiu um “passeio” por diferentes linguagens das artes. Por fim, para materializar as relações entre cor luz e cor pigmento, a fotografia artesanal por meio do processo de antotopia pareceu para mim, uma técnica muito potente, pois as crianças tiveram contato com a fotografia projetada e impressa durante todo o percurso e elas mostram muita curiosidade no ato de fotografar.

Primeiro, apresentei uma câmera artesanal feita com papel cartão e lupa (as crianças já exploravam a lupa para observar detalhes do bosque). Levamos a câmera para o bosque diversas vezes e as crianças exploravam durante as brincadeiras. A câmera permite dar zoom e a imagem fica refletida de cabeça para baixo dentro dela. Uma experiência muito diferente para as crianças.

Em seguida, apresentei a câmera analógica e os filmes e as crianças experimentaram a diferença entre fotografar com ela e com o celular. Ao abrir o filme sobre a caixa de luz, a Maria Clara disse: **“Isso parece um livro!”** fazendo uma analogia entre os fotogramas e as páginas de um livro. As crianças fizeram algumas fotos com as câmeras analógicas, porém quando levei a *Lomo* (a câmera amarela, única com filme) para revelar, o filme teve algum problema e não captou as imagens. Apesar da decepção de não ter as imagens, não deixa de ser uma experiência de conhecer o aparelho.

Até fizemos uma exposição de fotos antigas das professoras da unidade para enriquecer a experiência com os processos fotográficos.

A câmera analógica e suas particularidades.
Como a foto vai parar dentro da câmera?





Davi



Yara



Enzo



John

Revelação de fotos na emulsão de amora



Particpei de uma oficina do Centro Cultural São Paulo na qual aprendi o processo fotográfico histórico chamado antotipia. O qual consite em revelar imagens na emulsão de vegetais fotossensíveis.

Achei uma boa experiência para as crianças vivenciarem pelo diálogo com o percurso de cores , luzes e sombra que estão vivenciando intensamente. Contei para as crianças que iriamos “fazer fotos com a tinta da amora” e convidei cada uma para fazer uma foto com o meu celular. Sugeri escolherem um lugar do bosque ou do parque. Imprimi as fotos em preto e branco no acetato e levei para a turma.

Cada criança recebeu sua foto. Em seguida, colhemos amoras no bosque, o que na verdade já é uma experiência constante das crianças, visto que temos três lindas amoreiras no CEI, ensinei a extrair a emulsão de amora, elas pintaram folhas de papel, fixaram a impressão em acetato em cima com cliques, prendemos todas as fotos em duas placas de madeira e fomos as bosque escolher um lugar que bate sol para expor.

Elas escolheram o melhor lugar do parque para expor, onde bate sol, mas fica protegido da chuva. Essa técnica precisa de muita luz para que a imagem seja revelada. As crianças acompanharam esse processo pelos próximos 15 dias.

Eu cheguei a trocar a placa de lugar para receber mais luz do sol, mas de repente, choveu e derreteu a tinta do acetato. As crianças acompanharam essa situação. Imprimi novamente as fotos e refizemos todo o processo. As fotos foram colocadas em molduras e cada criança levou a sua para casa.



Em uma iniciativa de ampliar a experiência das crianças para além dos muros da escola, no início do mês de dezembro, as crianças visitaram a exposição Cruz-Diez: a liberdade da cor, no Espaço Cultural Porto Seguro que fica no mesmo bairro do CEI, o Bom Retiro. Antes de as crianças visitarem, eu já havia feito uma visita sozinha e senti como essa exposição, além da temática da cor, possui um caráter sensorial muito profundo e poderia permitir às crianças não apenas conhecer o trabalho do artista, mas viver uma imersão no universo das cores.

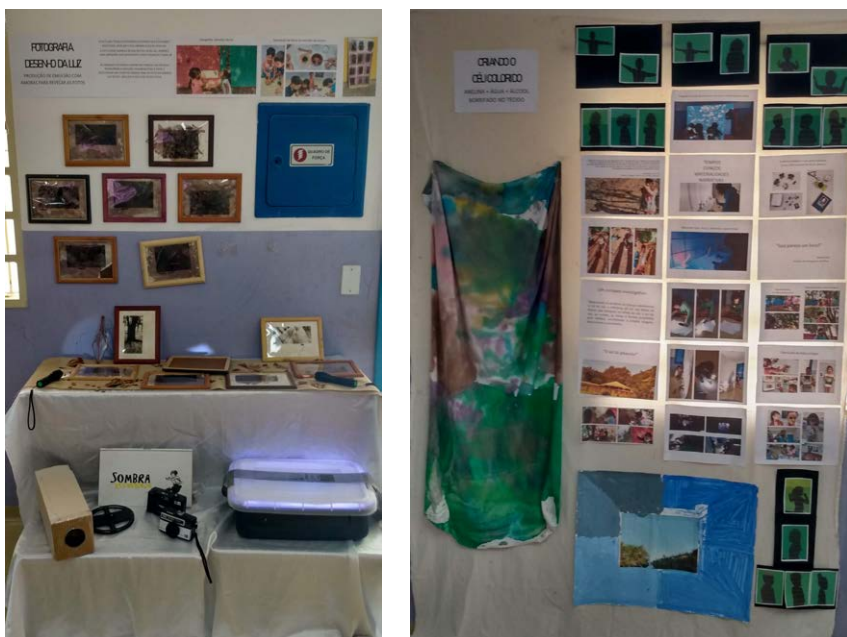
O grupo de professores da minha unidade também visitou a exposição em uma programação cultural proposta pela coordenação pedagógica e eu participei de uma visita guiada com a artista Kátia Canton. Levei a proposta para minha coordenadora, de alugar um ônibus para as crianças terem essa vivência, ela conseguiu agendar uma um horário com o educativo do Espaço Cultural que preparou um percurso para as crianças iniciando com a história “A rainha das cores” e depois o passeio pelas salas sa exposição. A outra turma de Mni grupo II também participou da visita.

As crianças corriam, pulavam, dançavam e fizeram gestos da menina do livro Sombra, o qual elas conheceram no início do ano. Esse foi, sem dúvida um grande fechamento para o projeto.



CRUZ-DIEZ: A LIBERDADE DA COR
EXPOSIÇÃO

REGISTROS DA MOSTRA CULTURAL NO FINAL DO ANO



Para a exposição do final do ano, eu não apresentei um produto final, mas todos os processos que as crianças viveram com as linguagens das artes, sobretudo as artes visuais.

Em todos os momentos em eu analisei as anotações que fiz sobre o envolvimento das crianças em determinada proposta e, a partir das interpretações, eu planejava a ação seguinte, nessa dinâmica surgiram os novos deslocamentos. As famílias acompanharam todo o percurso das crianças ao longo do ano, não apenas na exposição.

As crianças foram o ponto central do planejamento e da avaliação. Acredito que elas passaram a olhar para o céu com outra perspectiva, com muito mais hipóteses e teorias, com olhar de artista.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2019.

Crianças, espaços e relações : como projetar ambientes para a educação infantil / Organizadores, Guilio Ceppi, Michele Zini. Porto Alegre : Penso, 2013.

EISNER, Elliot E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação. In Currículo sem Fronteiras. 2008.

FRASER, Tom. O guia completo da cor / Tom Fraser e Adam Banks. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2007.

RANGEL, Susana. Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje. In: Arte Contemporânea e Educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando Suzana Rangel Vieira da Cunha, Rodrigo Saballa de Carvalho (orgs.). – 1. ed. – Porto Alegre : Mediação, 2017.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia : escutar, investigar e aprender. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2017.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade : Educação Infantil. – São Paulo : SME / COPED, 2019.